

letrônica

Reuni as suas cartas e fiz um livro

sendo os pensamentos da senhora G. M., primeira leitora de *Lucíola*

O que é que se pode dizer de uma moça de 16 anos – moça bonita, alta, bem construída, de seios tão alto no peito que parecem uma ilusão – mas que ainda lê *A Moreninha* e acha graça? Na idade dela, ... Bem, não deve ser necessário dizer o que eu sabia na idade dela, já que casara aos 15 e estava grávida do seu pai.

Recolhemo-nos em casa depois de um passeio na ópera – eu, meu irmão, o jovem Paulo, o doutor Sá e alguns outros (mas não, graças a Deus, aquele abominável Rochinha). Tínhamo-nos defrontado com uma daquelas belas da noite que ganham a vida na única maneira possível às que dispõem de corpo prestável, mas não de família e de marido. O meu irmão, o incuravelmente fátuo Couto, soltou uma daquelas palavras hipócritas que os homens da alta sociedade usam para escandalizar as suas mulheres sob o pretexto de protegê-las, e Sá, recém-casado e assumindo o improvável papel de defensor do pudor público, confirmou que incumbia ao governo e à sociedade eliminar todo traço daquele negócio imoral que, se as vozes não mentem, ele tanto fizera para estimular. Foi o Paulo o único capaz de um toque de honestidade.

Mais tarde, já em casa, Paulo principiou explicar a sua indulgência – explicação inteiramente desnecessária, no caso (já que aquela flor da noite apenas aluga para vários clientes o que eu vendi de uma vez para o velho Magalhães, que a sua alma jaza na paz que merece) –, mas parou quando lembrou da presença da minha neta, lá no sofá, lendo *A Moreninha* e sorrindo na sua inocência. Creio que corou – o Paulo, não a Lúcia, que nada sabia do assunto da nossa conversa – e foi assim que percebi o seu interesse. Só um hipócrita estranharia a ligação, e eu – avó, sim, e beirando aos meus cinquenta anos, mas ainda com um punhado de pretendentes à minha viuvez – não sou hipócrita. O meu filho e sua esposa já estavam preparando um jovem, loiro e insosso, para esposar a neta, mas naquele momento, naquele olhar, naquela indulgência espontânea, eu vi em Paulo um candidato mais interessante.

Na sua saída, eu fiz o rapaz jurar que me contaria a história que antes engolira: corou de novo, mas jurou. Três dias depois, chegou a primeira carta, seguida por outras várias, outras muitas, contando a história (aliás, há muito conhecida por mim, já que fora o meu irmão que abriu as pernas da menina), a história da moça bonita que foi ao mesmo tempo a cortesã mais bem paga da Corte e a alma mais pura debaixo do céu. Recebi as suas cartas em silêncio, li-as e juntei-as sem responder. Ri da sua incapacidade de reconciliar o amor puro com o desejo carnal, ri das suas tentativas de mostrar que, por mais que tenha adorado a mulher, tinha horror à sua profissão. Ri também do fato dele usar o meu nome para transformar a simples Maria em Maria da Glória (afinal, não é todo dia que um rapaz de vinte e poucos anos me compara com uma beldade daquelas), mas ri mais ainda da idéia de inventar para ela um *nom de guerre* que era aquele da minha querida neta: Lúcia. São esses toques que

me agradam: a sugestão que ele me vê na menina, e que a semelhança a torna mais atraente. Confesso que a lisonja me tocou.

Passaram-se alguns meses desde aquela noite da ópera: o meu Paulo continua aparecendo aqui em casa, mas nunca falamos na história. Juntei as cartas dele e mandei fazer delas um livro que, por acaso, caiu nas mãos da Lúcia; afinal, a coitada estava tão cansada de ler mais uma vez *A Moreninha*. Ontem, quando entrei de tarde no seu aposento, fiquei muito satisfeita ao ver a página marcada numa certa cena: uma festa noturna na casa do Sá, esteticamente o melhor trecho do nosso jovem escritor, mas um mundo novo para a nossa bela virgem. Hoje, quando Paulo nos visitou, Lúcia mal conseguiu disfarçar a sua curiosidade quando ele beijou a sua mão. Eu, por minha parte, mal consegui conter os meus risos. Na verdade, consegui perfeitamente bem: apenas o rapaz percebeu. Na saída, foi a vez dele de exigir uma explicação, e não sem razão. Prometi escrever.

Pego uma folha e pauso para me compor: como dizer tudo que ele precisa saber, sem correr o risco da carta ser entendida se cair na mão de terceiros. Não, nem tudo: também há espaço para uma certa ironia. Ajudá-lo-ei na sua campanha, mas não faço todo o trabalho. E talvez seja melhor nem usar nomes. Assim, então:

AO AUTOR

Reuni as suas cartas e fiz um livro.

Eis o destino que lhes dou; quanto ao título, não me foi difícil achar.

O nome da moça, cujo perfil o senhor desenhou com tanto esmero, lembrou-me o nome de um inseto.

Lucíola é o lampiro noturno que brilha de uma luz tão viva no seio da treva e à beira dos charcos. Não será a imagem verdadeira da mulher que no abismo da perdição conserva a pureza d'alma?

Deixem que raivem os moralistas.

A sua história não tem pretensões a vestal. É musa cristã: vai trilhando o pó com os olhos no céu. Podem as urzes do caminho dilacerar-lhe a roupagem: veste-a a virtude.

Demais, se o livro cair nas mãos de alguma das poucas mulheres que lêem neste país, ela verá estátuas e quadros de mitologia, a que não falta nem o véu da graça, nem a folha de figueira, símbolos do pudor no Olimpo e no Paraíso terrestre.

Novembro de 1861.

G. M.